

Bolm. Zool., Univ. S. Paulo

3:81-96, 1978

OPERA OPILIOLOGICA VARIA. V. (OPILIONES, STYGNIDAE)

Helia E. M. Soares

Benedicto A. M. Soares

*Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu,
São Paulo.*

RESUMO

Em seqüência ao estudo dos Opiliões do Brasil, nesta nota redescrevemos a espécie-tipo e descrevemos uma nova espécie de *Ideostygnus* Soerensen, 1932 (*Stygnidae* *Ideostygninae*), ambas do Estado do Pará. Damos também a descrição deste gênero de Soerensen na nomenclatura roeweriana.

SUMMARY

In this paper *Ideostygnus* Soerensen, 1932 (*Opiliones: Stygnidae, Ideostygninae*) is described according to the roewerian nomenclature; its type species, *Ideostygnus laevis* Soerensen, 1932, is redescribed, and *Ideostygnus evelinae*, n. sp., is described, both from State of Pará, Brazil.

Família *Stygnidae* Simon, 1879

Subfamília *Ideostygninae* Roewer, 1943

Ideostygnus Soerensen

Ideostygnus Soerensen, 1932, in Henriksen, *Descriptiones*

Laniatorum: 93 (Sep.); Mello Leitão, 1935, *Arq. Mus. Nac.*,

Rio de Janeiro, 36 (1934): 112.

Espécie - tipo: *Ideostygnus laevis* Soerensen, 1932,
por monotípia

Cefalotórax inerte entre os olhos. Escudo dorsal com quatro sulcos transversos, dos quais os dois anteriores confluentes no meio. Áreas I, II e IV do escudo dorsal, tergitos livres e opérculo anal inermes. Área III com dois espinhos. Palpos muito mais longos que o corpo; fêmures e patelas cilíndricos, delgados, inermes. Quelíceras muito desenvolvidas, mais robustas no macho. Tarsos III e IV com duas garras lisas, com pseudoníquio e com densa escópula de pêlos muito pouco espatulados. Fêmur IV de comprimento normal e espinhoso. Tarsos III de 6 segmentos, os outros de mais de 6. Distitarsos I e II de 3 segmentos.

Este gênero havia sido considerado por Mello Leitão, 1935: 112 sinônimo de *Pickeliana* Mello Leitão, 1932 :427.

De acordo com as Regras Internacionais de Nomenclatura Zoológica, Mello Leitão (op. cit.: 112), ao considerar os gêneros *Pickeliana* Mello Leitão, 1932 e *Ideostygnus* Soerensen, 1932, ambos monotípicos, como sinônimos, deve ter admitido que, nas respectivas espécies tipo, *Pickeliana pickeli* Mello - Leitão, 1932 e *Ideostygnus laevis* Soerensen, 1932, os tarsos III e IV, com duas garras lisas, não possuíam escópula.

No entanto, Soerensen (in Henriksen, 1932 :93), ao caracterizar *Ideostygnus*, fala em "scopula densa, pili vix spathulata."

Henriksen (op. cit.: 93), que reorganizou a obra póstuma de Soerensen, no final da descrição da espécie tipo, deve ter pensado como Mello Leitão, ao pronunciar-se do seguinte modo: "This genus and species has not been described by Roewer. According to the description the genus seems to be related to *Fonteoanus* Roewer, which, however, among other things lacks a scopula" Não há dúvida de que Henriksen (op. cit.: 84) já havia notado que não era no mesmo sentido que Soerensen e Roewer se referiam a escópula, ao dizer: "as seen from the conspectus above, the family *Stygnidae* Soerensen is separated from the other families by the presence of a scopula, but Roewer does not ascribe a scopula to *Prostygninae* and *Stygninae*. Both authors have investigated representatives of the latter group, and their statements are therefore apparently incompatible" E mais abaixo: "Therefore I think that Roewer's term 'ohne Scopula' as to *Prostygninae* and *Stygninae* means 'without a well developed scopula', and that *Stygnidae* Soerensen, which, it is true, forms a natural group, is really characterized by the Soerensenian character 'scopula adest', though the scopula may be rather reduced in some forms. Therefore I still keep the forms united by Soerensen into the family *Stygnidae* within this latter which, as said above, comprises the 4 subfamilies of Roewer: *Prostygninae*, *Stenostygninae*, *Stygninae* and *Heterostygninae*"

De nossa parte, julgamos que a escópula, como bem notou Henriksen, "pode ser um tanto reduzida em algumas formas, o que poderá levar, sem dúvida, a uma interpretação errada de posição sistemática de certas espécies.

Isto posto, preferimos, por ora, até que se possa examinar a espécie - tipo de *Pickeliana*, conservar *Ideostygnus laevis* na subfamília *Ideostygninae*, criada por Roewer em 1943 : 62, o qual não tomou conhecimento da sinonímia que estabeleceu Mello Leitão (op. cit.: 112) ao considerar *Ideostygnus* sinônimo de *Pickeliana*.

Assim sendo, *Pickeliana*, por ter tarsos III e IV com duas unhas lisas e sem escópula, permanece na subfamília *Stygninae*, e *Ideostygnus*, com duas unhas lisas e densa escópula nos tarsos III e IV, integrará, com *Iguarassua* Roewer, 1943, *Gaibulus* Roewer, 1943 e *Satiastygnus* Roewer, 1963, a subfamília *Ideostygninae*.

Ideostygnus evelinae, sp. n.

(Fig. 1 15)

♂. Artículos tarsais: 7/8 16/18 6 7. Comprimento total do corpo 6,75 mm; comprimento do cefalotórax 2,5 mm; largura do cefalotórax 3,5 mm; largura do abdomen 3,75 mm.

Medidas dos apêndices em mm

Pernas	Trocanter	Fêmur	Patela	Tíbia	Metatarso	Tarso	Total
I	1,0	4,5	1,4	3,15	4,75	2,4	17,20
II	0,75	6,75	1,75	5,4	6,65	6,0	27,30
III	1,0	5,8	1,75	3,8	6,4	3,25	21,00
IV	1,0	7,25	2,0	4,15	9,0	4,0	27,40
Palpo	1,0	5,0	3,5	2,5	—	2,3	14,30

Quelícera: 1º segmento 1,5; 2º segmento 4,5; total 6,0

Borda anterior do cefalotórax com denticulo entre as quelíceras, com elevação mediana provida de dois três glânulos e com fila de grânulos pilíferos. Cefalotórax inerme, um tanto convexo, mais alto que a área III, com grânulos entre e adiante dos olhos, e com alguns grânulos pilíferos obsoletos, na metade posterior. Olhos bem afastados entre si, colocados em tubérculos oculares pequenos, arredondados, cônicos, lisos. Área I dividida. Áreas I, II, IV e tergitos livres I a III inermes, as áreas com pequenos grânulos obsoletos e os tergitos com uma fila de grânulos semelhantes. Área III com dois altos espinhos erectos, paralelos e com grânulos obsoletos. Área IV com carena transversal. Áreas laterais largas, com carena mediana em toda a sua extensão, unindo-se posteriormente à carena da área IV, com uma série de pequenos grânulos que começa ao nível dos olhos e termina no sulco II, daí em diante lisas e com alguns grânulos obsoletos só vistos com grande aumento. Opérculo anal inerme, com minúsculos grânulos pilíferos distais. Esternitos livres com duas filas de minúsculos grânulos pilíferos. Área estigmática e opérculo genital com grânulos pilíferos. Ancas I a III com fila mediana transversal de grossos grânulos, além de alguns esparsos, mais abundantes

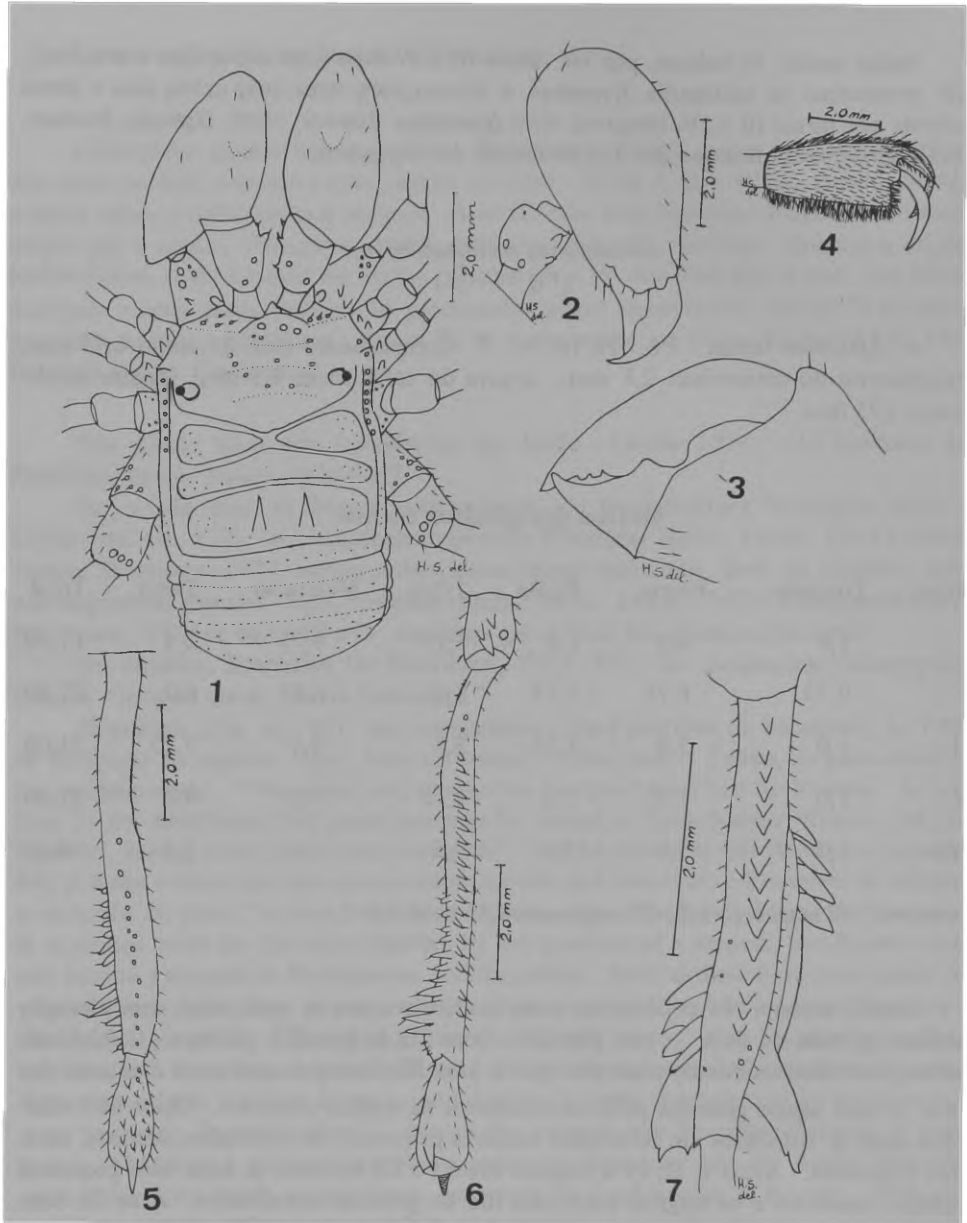


Figura 1 – *Ideostygnus evelineae*, sp. n. Holótipo ♂.

Figura 2 – *Ideostygnus evelineae*, sp. n. Holótipo ♂, quelícera direita, vista lateral externa.

Figura 3 – *Ideostygnus evelineae*, sp. n. Holótipo ♂, dedo móvel e imóvel da quelícera esquerda.

Figura 4 – *Ideostygnus evelineae*, sp. n. Holótipo ♂, tarso IV esquerdo (artículo distal), vista lateral externa.

Figura 5 – *Ideostygnus evelineae*, sp. n. Holótipo ♂, fêmur e patela IV esquerdos, vista dorsal.

Figura 6 – *Ideostygnus evelineae*, sp. n. Holótipo ♂ trocanter, fêmur e patela IV esquerdos, vista ventral.

Figura 7 – *Ideostygnus evelineae*, sp. n. Holótipo ♂ tibia IV esquerda, vista dorsal.

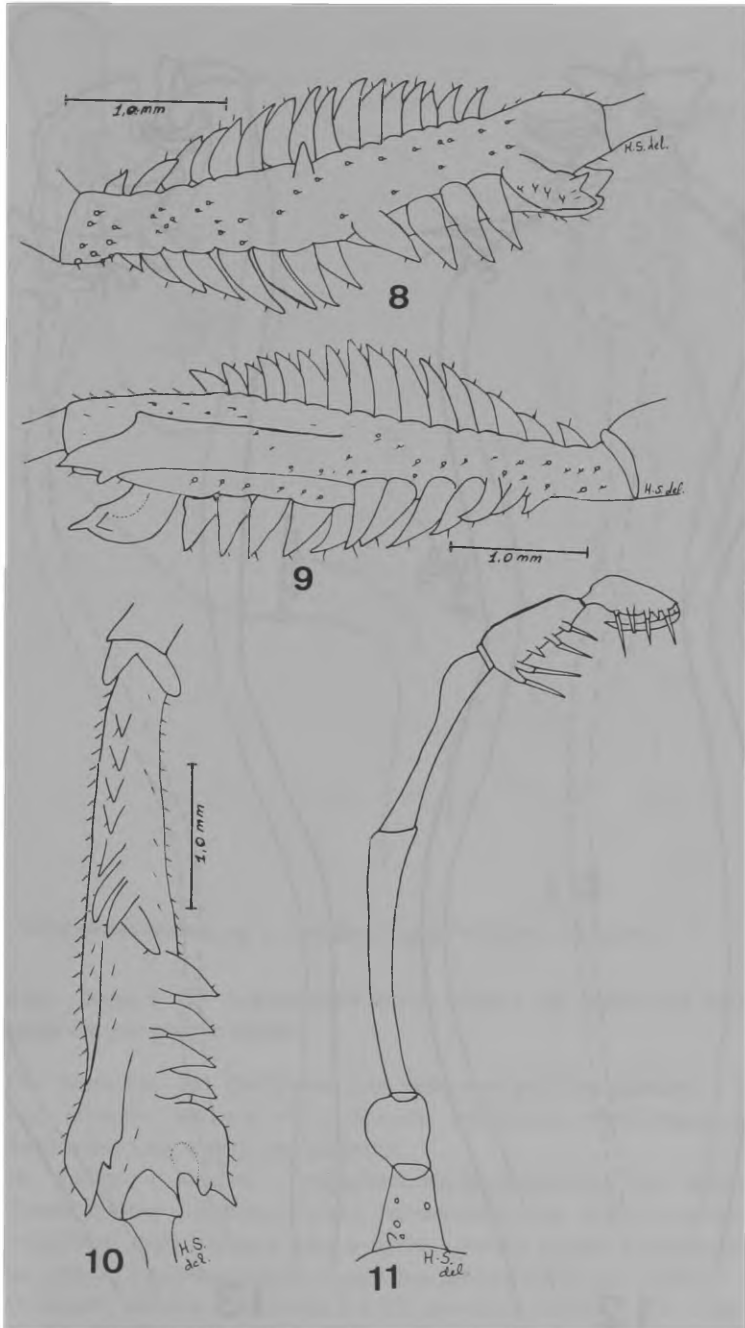


Figura 8 – *Ideostygnus evelineae*, sp. n. Holótipo ♂, tibia IV esquerda, vista lateral externa.
 Figura 9 – *Ideostygnus evelineae*, sp. n. Holótipo ♂, tibia IV esquerda, vista lateral interna.
 Figura 10 – *Ideostygnus evelineae*, sp. n. Holótipo ♂, tibia IV esquerda, vista ventral.
 Figura 11 – *Ideostygnus evelineae*, sp. n. Holótipo ♂, palpo esquerdo, vista dorso-lateral.

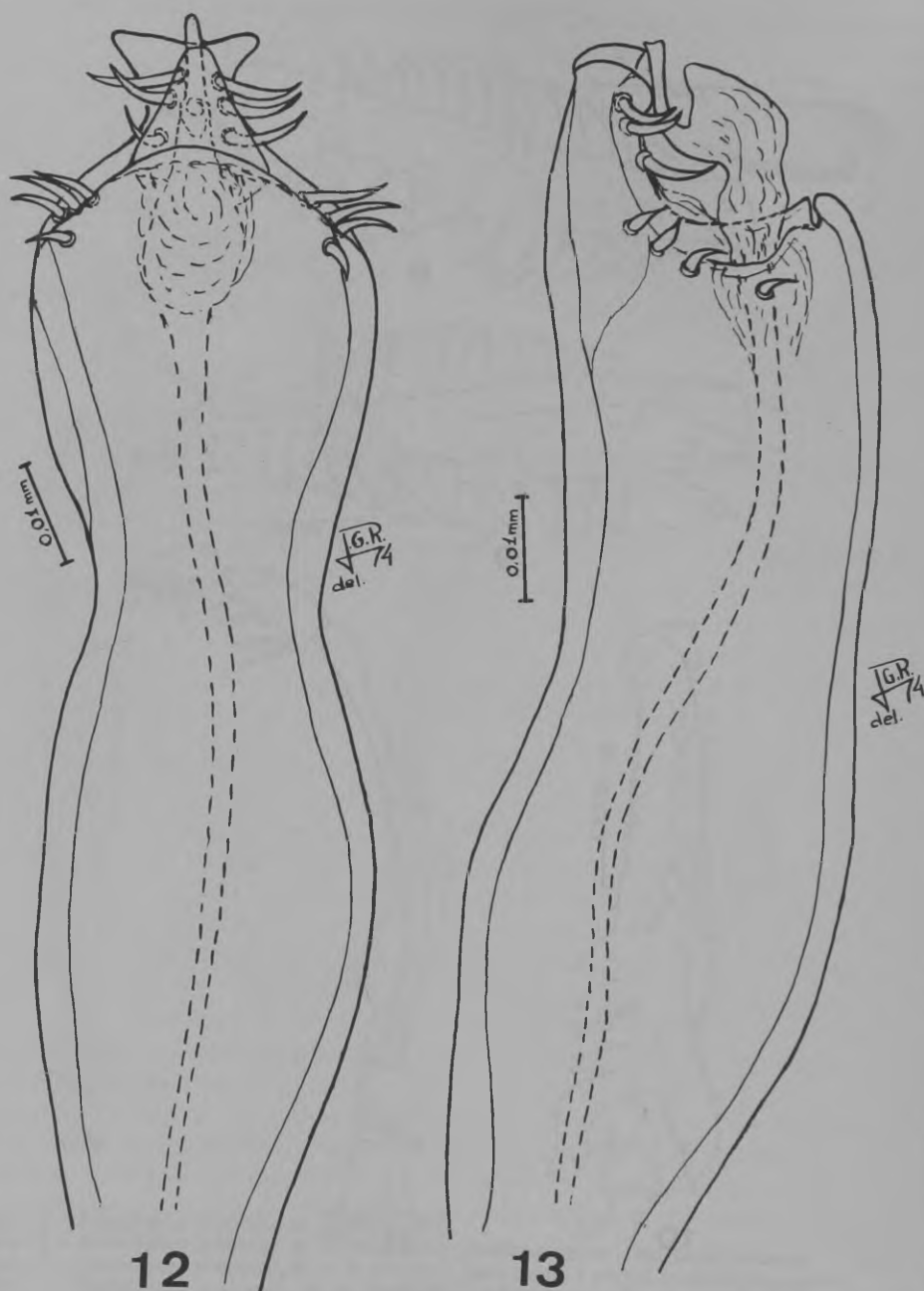
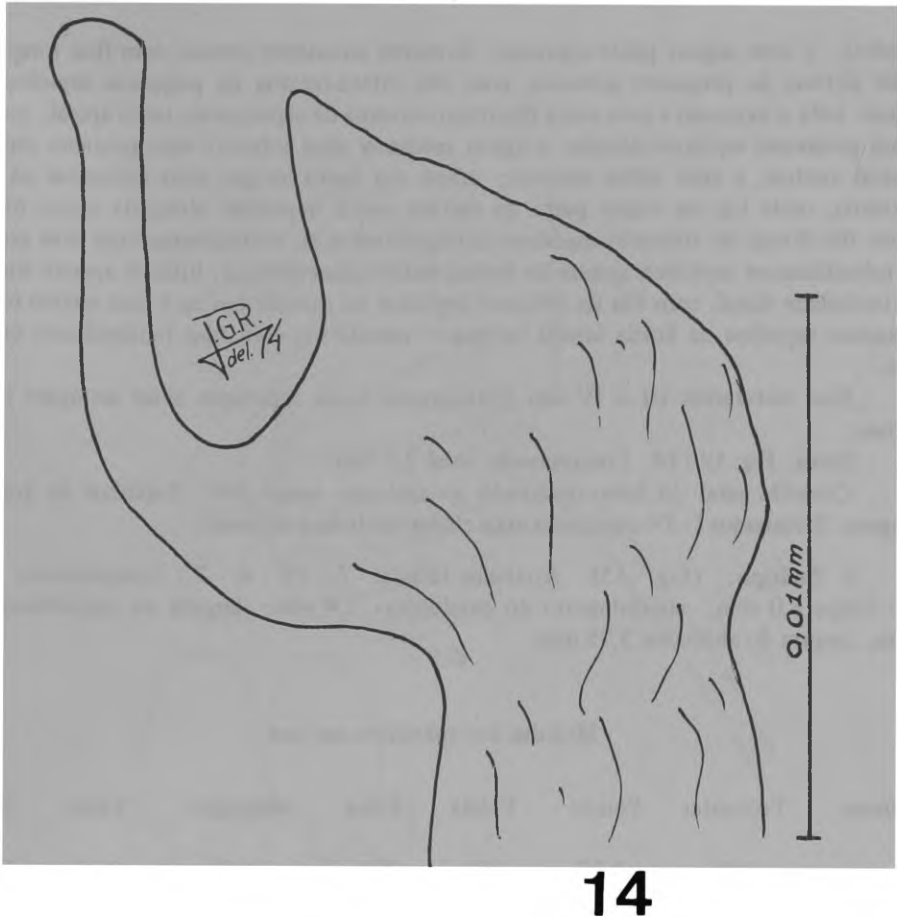


Figura 12 – *Ideostygnus evelinae*, sp. n. Holótipo ♂, pênis, vista dorsal.

Figura 13 – *Ideostygnus evelinae*, sp. n. Holótipo ♂, pênis, vista lateral.



14

Figura 14 – *Ideostygnus evelinae*, sp. n. Holótipo ♂, ápice do pênis, vista lateral.

na face dorsal; ancas I - IV unidas entre si nos bordos por dentículos marginais, nas ancas I sómente em sua porção apical.

Primeiro segmento das quelíceras com pequenos grânulos basilares e alguns grânulos laterais; segundo segmento muito dilatado, sub-cônico, robustíssimo, com alguns pêlos distribuídos em toda superfície, brilhante.

Palpos. Longos e inermes. Trocanteres muito globulosos, com alguns grânulos e com tubérculo inferior; fêmures longos, levemente curvos, com tubérculo basilar inferior, no mais lisos, mais espessos para o ápice; patelas longas, globulosas na porção apical; tíbias com 5 - 5 e tarsos com 6 - 6 espinhos inferiores fortes e longos.

Pernas longas, esbeltas; fêmures I e III sub-retos, II retos, com filas longitudinais de grânulos, I e II com os distatarsos de 3 segmentos, e com grânulos inferiores maiores na porção apical.

Pernas IV. Ancas granuladas, sem apófises apicais; trocanteres pouco mais longos que largos, com dois grânulos maiores sub-medianos dorsais e três inferiores (um deles

maior), e com alguns pêlos esparsos; fêmures levemente curvos, com filas longitudinais dorsais de pequenos grânulos, com fila ínfero-interna de pequenos espinhos em quase toda a extensão e com curta fila ínfero-externa de espinhos no terço apical; patelas com pequenos espinhos dorsais, o apical mediano mais robusto, com pequeno espinho apical ventral, e com pêlos ventrais; tíbias um tanto longas, mais aplanadas na face externa, onde há, na maior parte da metade apical depressão alongada muito nítida, com fila dorsal de robustos espinhos contíguos entre si, ventralmente com dois grossos e robustíssimos espinhos apicais de forma muito característica, bífidos apenas em sua extremidade distal, com fila de robustos espinhos na metade basilar e com quatro robustíssimos espinhos na borda lateral interna; metatarsos com filas longitudinais de pêlos.

Nos metatarsos III e IV não conseguimos notar separação entre astrágalo e calcâneo.

Pênis. Fig. 12 14. Comprimento total 2,8 mm.

Colorido geral do fulvo queimado ao castanho enegrecido. Espinhos da área III negros. Metatarsos I IV com anéis mais claros em toda a extensão.

♀. Parátipo. (Fig. 15). Artículos tarsais: 7 18 6 7. Comprimento total do corpo 8,0 mm; comprimento do cefalotórax 2,4 mm; largura do cefalotórax 3,5 mm; largura do abdomen 3,75 mm.

Medidas dos apêndices em mm

Pernas	Trocanter	Fêmur	Patela	Tíbia	Metatarso	Tarso	Total
I	0,8	4,25	1,3	3,0	4,5	2,25	16,10
II	0,8	6,75	1,5	5,0	6,15	6,0	26,20
III	1,0	5,75	1,75	3,4	5,5	3,0	20,40
IV	1,0	7,5	2,0	4,75	8,4	4,0	27,65
Palpo	1,25	5,0	3,5	2,4	—	2,4	14,55

Quelícera: 1º segmento 1,65; 2º segmento 2,15; total 3,80.

Semelhante ao macho. Borda anterior do cefalotórax sem elevação mediana. Cefalotórax mais granuloso que no macho. Quelíceras desenvolvidas menos robustas que no macho. Espinhos da área III menores que os do macho. Pernas IV. Ancas granulosas; trocanteres granulados; fêmures longos, com filas longitudinais de pequenos grânulos pilíferos; patelas granulosas, com espinho dorso-lateral apical externo; tíbias longas, inermes, com as granulações semelhantes às dos fêmures.

Colorido semelhante ao do macho.

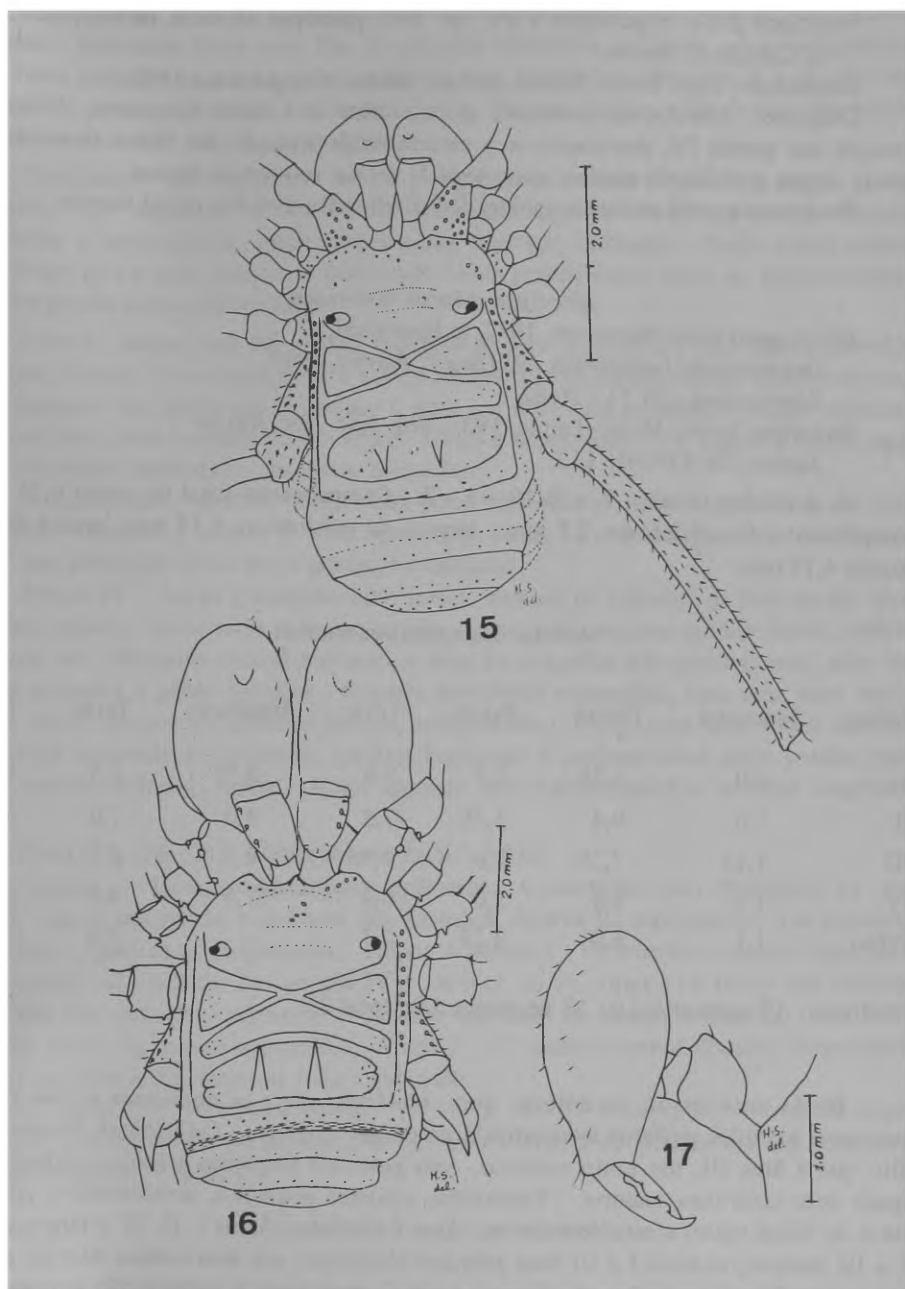


Figura 15 – *Ideostygnus evelinae*, sp. n. Parátipo ♀.

Figura 16 – *Ideostygnus laevis* Soerensen, 1932. ♂.

Figura 17 – *Ideostygnus laevis* Soerensen, 1932. ♂, quelícera esquerda, vista lateral externa.

Holótipos 2 ♂♂ e parátipos 2 ♀♀, n.º 597. parátipos 14 ♂♂ e 18 ♀♀, n.º 598, na Coleção H. Soares.

Localidade - tipo: Brasil, Estado do Pará, Belém. Coligidos em 1950.

Diagnose. *Ideostygnus evelinae*, sp. n., difere de *I. laevis* Soerensen, 1932, pela armação das pernas IV, destacando-se a característica armação das tibias (inermes em *laevis*), e pela genitália do macho, como se pode ver nas respectivas figuras.

Em homenagem à eminente zoóloga Dr^a Eveline Du-Bois-Reymond Marcus.

Ideostygnus laevis Soerensen

Ideostygnus laevis Soerensen, 1932, in Henriksen,
Descriptions Laniatorum: 93 (Sep.); Rower, 1943,
Senckenberg, 26 (1 - 3): 62.

Pickeliana laevis; Mello - Leitão, 1935, *Arq. Mus. Nac. Rio de Janeiro*, 36 (1934): 112.

♂. Artículos tarsais: 7 18/19 6 7. Comprimento total do corpo 6,25 mm; comprimento do cefalotórax 2,5 mm; largura do cefalotórax 4,15 mm; largura do abdomen 4,15 mm.

Medidas dos apêndices em mm

Pernas	Trocanter	Fêmur	Patela	Tíbia	Metatarso	Tarso	Total
I	1,0	5,25	1,5	3,9	5,75	2,5	19,90
II	1,0	9,4	1,75	7,5	9,0	7,0	35,65
III	1,15	7,25	2,0	4,75	8,2	3,5	26,85
IV	1,5	8,9	2,0	6,4	11,5	4,5	34,80
Palpo	1,1	6,0	4,25	2,5	—	2,4	16,25

Quelícera: 1.º segmento 2,0; 2.º segmento 5,0; total 7,0

Borda anterior do cefalotórax com denticulo entre as quelíceras e com fila de pequenos grânulos pilíferos interrompida na porção mediana. Cefalotórax inerte, mais alto que a área III, um tanto convexo, com poucos e pequenos grânulos pilíferos, dos quais dois anteriores maiores. Tubérculos oculares pequenos, arredondados, cônicos, lisos, os olhos muito afastados entre si. Área I dividida. Áreas I, II, IV e tergitos livres I a III inermes, as áreas I a III com grânulos obsoletos: em seus bordos laterais, os tergitos com filas de grânulos obsoletos. A sêco, essas áreas e tergitos dão impressão de lisos. Área III com dois espinhos altos, sub-retos, paralelos. Área IV com carena transversal, com duas filas de pequenas grânulos, só vistos com grande aumento. Operculo anal inerte, com poucos e pequenos grânulos pilíferos. Áreas laterais largas, com carena submediana, que se une posteriormente à carena da área IV. até o sulco II com uma

série de pequenos grânulos afastados, daí em diante lisas e com pequeninos grânulos esparsos. Esternitos livres com fila de grânulos obsoletos, pilíferos. Área estigmática com raros grânulos pequenos. Ancas ligadas por denticulos marginais, I e II com fila mediana de grossos tubérculos setíferos, III com fila de grânulos, além de grânulos esparsos e um pouco mais abundante no ápice.

Quelíceras. 1º segmento com 2 a 3 grânulos laterais externos, e alguns raros, basilares; 2º segmento muito elevado acima do segmento basilar, a porção elevada subcônica e arredondada, com poucos pelos esparsos, brilhante. Dedo móvel muito mais longo que o dedo imóvel, o dedo móvel com grande dente perto do ápice e o imóvel com grande dente sub-basilar.

Palpos. Ancas com fila ventral mediana de três tubérculos e com alguns grânulos basilares dorsais; trocanteres com 1 a 2 pequenos tubérculos inferiores; fêmures pouco mais espessos que os do par de pernas I, com um tubérculo semelhante basilar inferior, no mais lisos, mais espessos para o ápice; tíbias e tarsos com 5 5 longos e fortes espinhos inferiores, intercalados de outros menores.

Pernas longas, esbeltas, com fracos pêlos dispostos em filas longitudinais em seus artículos. Fêmures I curvos, II e III retos. Distitarsos I e II de 3 segmentos. Metatarsos I - IV sem distinção nítida entre astrágalo e calcâneo.

Pernas IV. Ancas granuladas com menor número de grânulos na face dorsal, sem apófises apicais; trocanteres mais longos que largos, com pequena apófise dorsal, mediana, com um tubérculo ventral mediano, e uma forte apófise sub-apical ventral, além de alguns grânulos e pêlos esparsos; fêmures levemente espessados, com uma série superior e outra inferior de grânulos baixos, arredondados, e com uma série íntero-inferior levemente arqueada de pequenas apófises formando o conjunto uma serra; patelas com forte espinho inferior, apical; tíbias inermes, com pêlos dispostos em filas longitudinais.

Pênis (Fig. 24 - 28). Comprimento total 3,3 mm.

Colorido. Castanho-alaranjado, brilhante. Cefalotórax com reticulado de castanho, com a sua borda e as bases dos espinhos da área III mais escuros (os espinhos amarelos). Quelíceras enegrecidas. Palpos e pernas I - III amarelo-testáceos com pontos escuros. O colorido das pernas IV é idêntico ao do corpo e os ápices dos fêmures e patelas são castanho-enegrecidos. Bordos das áreas do escudo abdominal, área IV e tergitos livres castanho-enegrecidos. Ancas I - IV castanho-avermelhadas, enegrecidas. Metatarsos com anéis claros em toda a extensão.

♀ (Fig. 29). Artículos tarsais: 7 19/20 6 : 7. Comprimento total do corpo 6,0 mm; comprimento do cefalotórax 2,5 mm; largura do cefalotórax 3,5 mm; largura do abdomen 4,15 mm.

Medidas dos apêndices em mm

Pernas	Trocanter	Fêmur	Patela	Tíbia	Metatarso	Tarso	Total
I	0,75	5,5	1,25	3,65	6,0	2,5	19,65
II	0,9	9,65	1,75	7,4	9,0	7,0	35,70

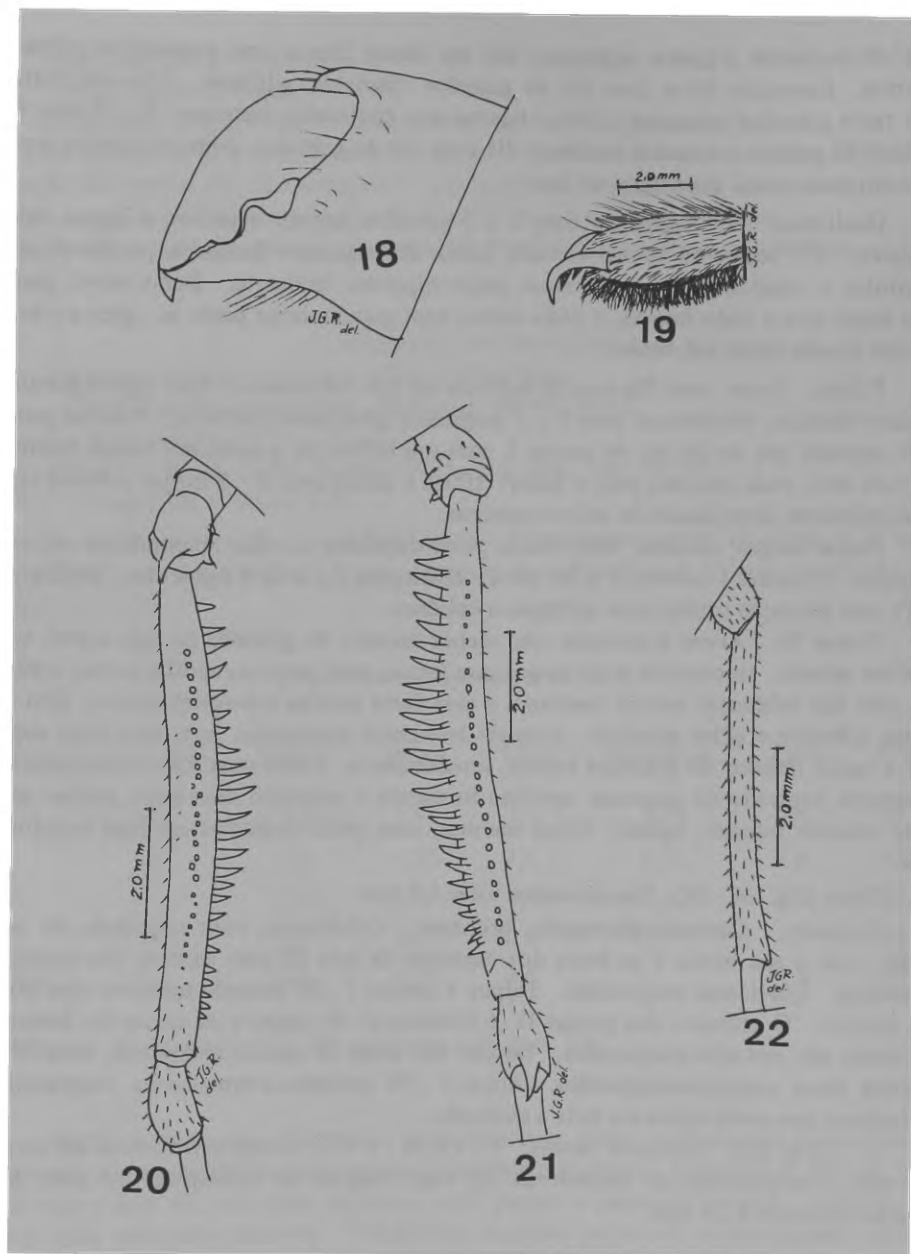


Figura 18 – *Ideostygnus laevis* Soerensen, 1932. ♂, dedo móvel e imóvel da quelícera direita.

Figura 19 – *Ideostygnus laevis* Soerensen, 1932. ♂, tarso IV esquerdo (artículo distal), vista lateral externa.

Figura 20 – *Ideostygnus laevis* Soerensen, 1932. ♂ trocanter, fêmur e patela IV esquerdos, vista dorsal.

Figura 21 – *Ideostygnus laevis* Soerensen, 1932. ♂, trocanter, fêmur e patela IV esquerdos, vista ventral.

Figura 22 – *Ideostygnus laevis* Soerensen, 1932. ♂, tíbia IV esquerda, vista dorsal.

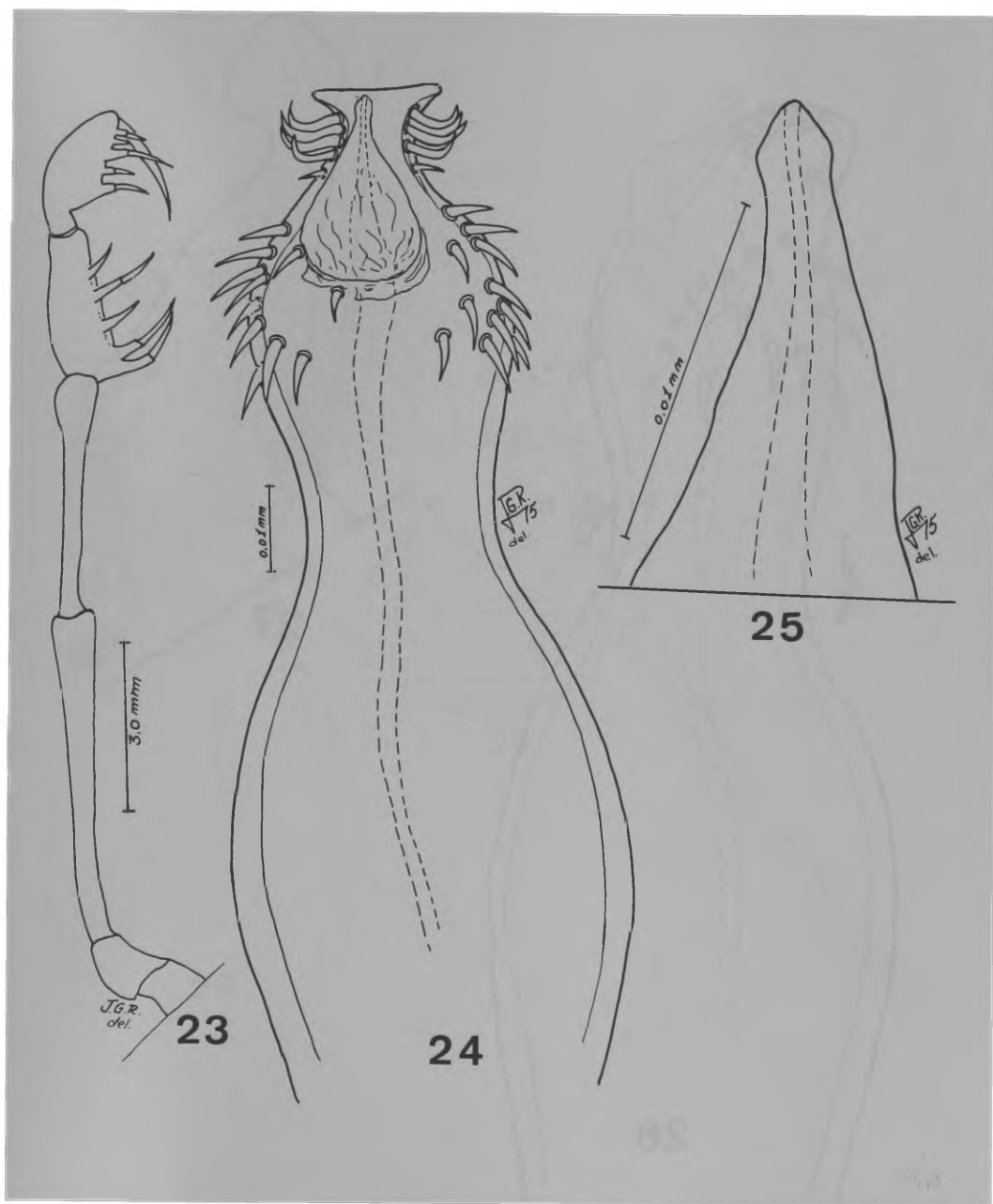


Figura 23 – *Ideostygnus laevis* Soerensen, 1932. ♂ Palpo esquerdo, vista dorsal.
 Figura 24 – *Ideostygnus laevis* Soerensen, 1932. ♂, pênis, vista dorsal.
 Figura 25 – *Ideostygnus laevis* Soerensen, 1932. ♂, ápice do pênis, vista dorsal.

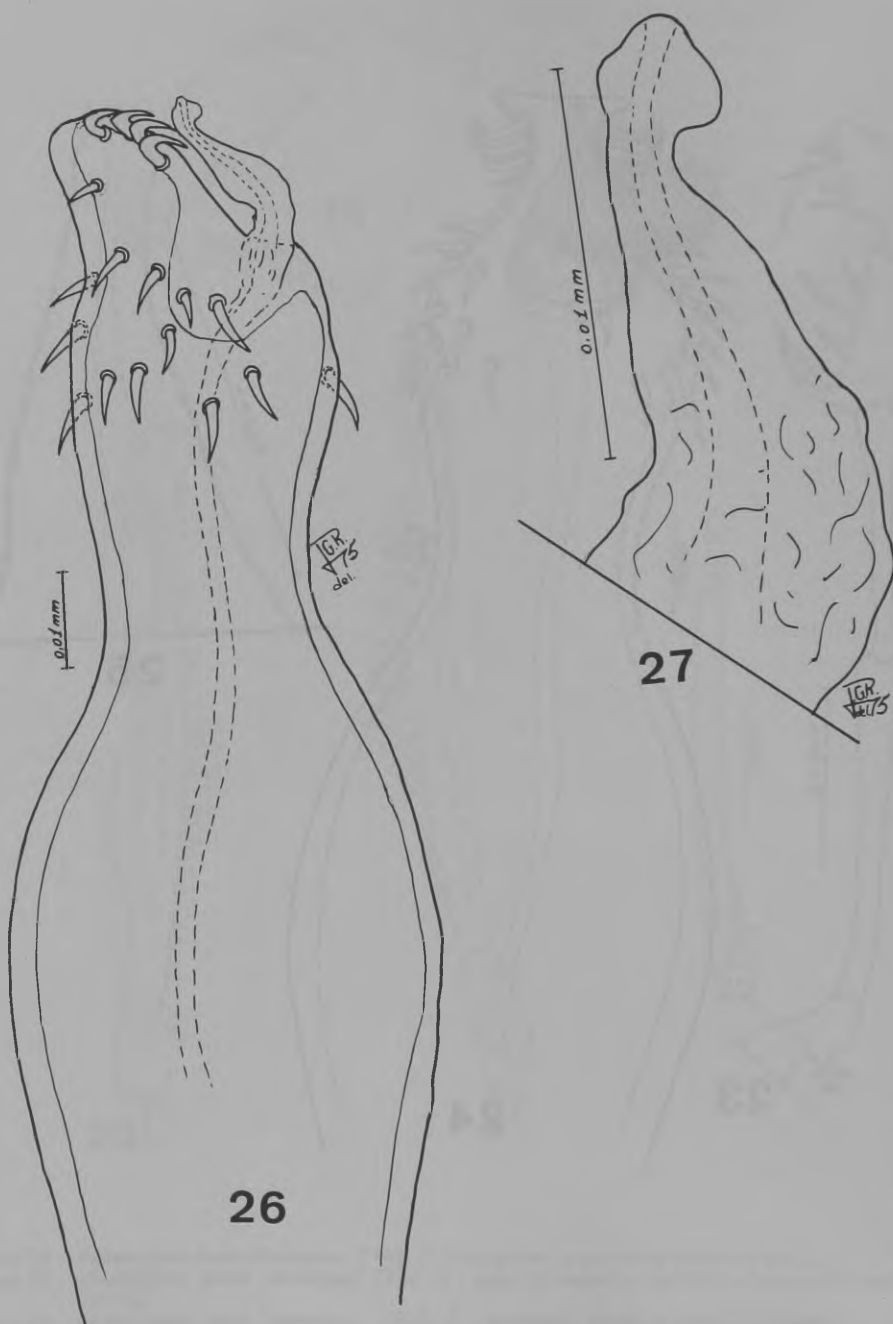


Figura 26 – *Ideostygnus laevis* Soerensen, 1932. ♂, pênis, vista lateral.

Figura 27 – *Ideostygnus laevis* Soerensen, 1932. ♂, ápice do pênis, vista lateral.

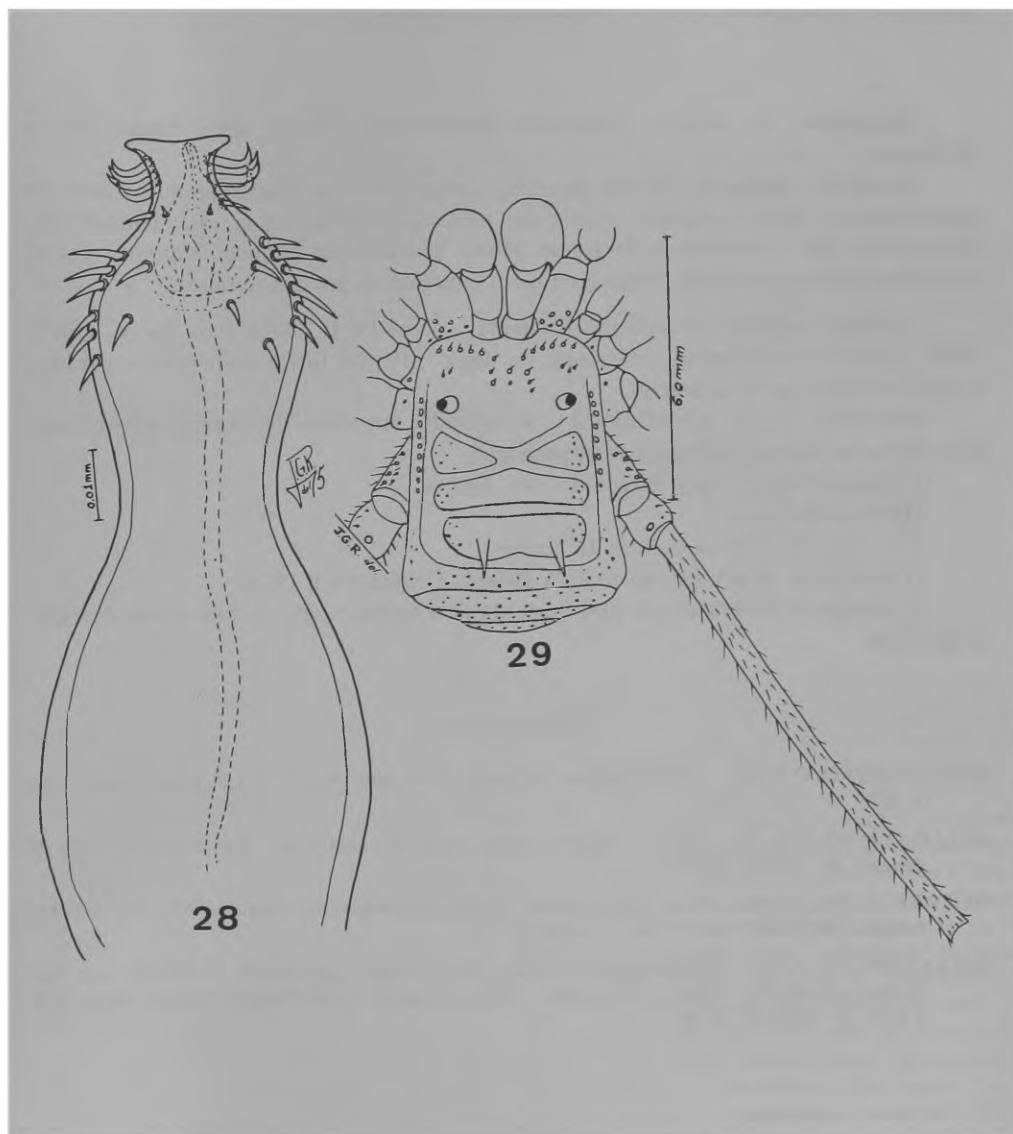


Figura 28 — *Ideostygnus laevis* Soerensen, 1932. ♂, pênis, vista ventral.
Figura 29 — *Ideostygnus laevis* Soerensen, 1932. ♀

III	1,1	7,5	2,0	4,75	7,75	3,5	26,60
IV	1,4	9,9	2,0	6,5	11,0	4,0	34,80
Palpo	1,0	6,5	4,5	2,65	—	2,5	17,15

Quelífera: 1º segmento 1,65; 2º segmento 2,5; total 4,15

Semelhante ao macho. Quelíferas desenvolvidas, porém mais fracas que as do macho.

Pernas IV. Ancas granuladas, inermes; trocanteres com poucos grânulos, com um grânulo maior, dorsal, mediano, e com um tubérculo ventral sub-apical; fêmures sub-retos, com filas longitudinais de fracos pêlos; patelas com pequeno espinho ventral, sub-apical, dirigido para trás; tíbias com pelos semelhantes aos dos fêmures.

Colorido castanho-avermelhado brilhante. Áreas I e II pouco mais claras. Quelíferas castanho-avermelhadas, reticuladas de negro. Pernas fulvas com pontos escuros, no mais semelhantes às do macho.

Holótipos: 3 ♂♂ e parátipos 2 ♀♀ (coligidos em ninho de térmitas arborícolas), depositados no Museu Zoológico de Copenhague.

Localidade-tipo: Brasil, Estado do Pará, Belém.

Material estudado.

♂ e 2 ♀♀, n.º 599, na Coleção H. Soares.

Procedência. Brasil, Estado do Pará, Belém. Coligidos em 1970.

A espécie de Soerensen vai aqui ilustrada pela primeira vez, inclusive com desenho de genitália.

BIBLIOGRAFIA

- MELLO-LEITÃO, C. F. de, 1932 Opiliões do Brasil. *Rev. Mus. Paul.*, 17 (2ª pte.): 1-505, fig. 1-283.
- MELLO-LEITÃO, C.F. de, 1935 Algumas notas sobre os Laniatores. *Arq. Mus. Nac., Rio de Janeiro*, 36 (1934): 89-116.
- ROEWER, C. Fr., 1943 Über Gonyleptiden. Weitere Weberknechte (Arach., Opil.) XI. *Senckenbergiana*, 26 (1-3): 12-67, 9 est. com 81 fig..
- SOERENSEN, W. in K. L. HENRIKSEN, 1932 Descriptiones Laniatorum (Arachnidorum Opilionum subordinis). Opus posthumum. *Dansk. Vidensk. Selsk. Skrifts. Naturw. Math. Afd. 9 R III*. 4: 199-419, 29 fig..